

LETRAMENTO DIGITAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Rosiane Pimenta¹

Resumo: Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem tem sido um grande desafio para os estabelecimentos de ensino se adequarem a nova realidade. A escola, enquanto espaço de aprendizagem, precisa estar aberta para as múltiplas possibilidades de produção e recepção de conhecimentos e também explorar as diversas formas do uso social da leitura e da escrita que esse espaço oferece. Além disso, é preciso problematizar o uso das tecnologias digitais nesse espaço; atentar para a forma como se agencia o olhar na produção do objeto de estudo, isto é, como se deve pensar o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares: como um dispositivo de controle, no qual poucos ainda têm acesso, questionando o uso, a partir da produção; ou se estamos simplesmente reproduzindo tudo o que já foi dito, reforçando ainda mais a sua hierarquização. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo traçar os caminhos da construção e (des) construção do meu objeto de Pesquisa, amparado pelas minhas inquietações no decorrer do Programa da Crítica Cultural. Como aporte teórico, o estudo da pesquisa apoiar-se-á em Agamben (2009), Bachelard (1996), Baudrillard (1981), Deleuze e Guattari (1995), Ginzburg (1990), Kleiman (1995), Lévy (2009), Mignolo (2008) e Xavier (2008). Espera-se que esse estudo possa colaborar para aberturas e enfrentamentos no modo do fazer científico em torno dos Estudos Culturais.

Palavras-Chave: Letramento. Perspectivas. Desafios. Estudos culturais.

INTRODUÇÃO

A pesquisa cujo título provisório é *Letramento digital: perspectivas e desafios no contexto da sala de aula*, encontra-se em fase de construção e, principalmente, (des) construção de sua escrita. Através dos diálogos, leituras e discussões mobilizados pelo Programa da Crítica Cultural, pode-se observar um desmonte constante e diário no pensamento, modo e ideia de se fazer a Pesquisa.

À princípio, o objeto de estudo parte da hipótese de que o letramento não se refere apenas ao processo da leitura e da escrita, mas as diversas práticas de interação social que podem ocorrer dentro e fora do contexto escolar. Segundo Kleiman (1995), “o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”. Desse modo, propõe a autora, o letramento pode acontecer em vários espaços e de forma bem diferente do que normalmente é legitimado nas escolas.

Situadas no contexto da sociedade contemporânea, a inserção das tecnologias digitais na Educação pode potencializar diferentes modos de ler e formas de escrever, constituindo, assim, um espaço significativo para a construção da autoria e da escrita colaborativa e também da formação de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de Pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: rosii_ane@hotmail.com.

um sujeito culturalmente multifacetado, já que a sua identidade passa por um constante desmonte diário dentro desse processo.

Acredita-se também que a escola é a responsável para oportunizar o contato do aluno com os multiletramentos, isto é, o contato dele com diferentes suportes e mídias de textos escritos e não ficar restrita somente ao uso do texto impresso como se apenas através dele houvesse aprendizagem, de fato, significativa.

Todavia, as nossas escolas ainda conseguem minimizar certas práticas de letramentos, e isso me fez perceber que existe um longo caminho a ser percorrido quando se fala em trabalhar com as tecnologias digitais nas práticas escolares. E foi com esse objetivo de investigar mais atentamente o porquê disso e quais as subjetividades imbricadas nesse processo, que nasceu, a priori, esse estudo.

O interesse por esse assunto, parte da minha trajetória, enquanto estudante do curso de Letras (UNEB) e Mídias na Educação (UESB). Durante os cursos me apropriei dos estudos da leitura, da escrita e das práticas de letramento em suas múltiplas interfaces. Pretendia com isso refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem, as suas implicações no campo da educação, assim como problematizar de quais formas essas práticas interagiam e se articulavam dentro e fora do contexto das relações sociais.

Posteriormente, como discente do Programa de Mestrado em Crítica Cultural (UNEB), tive a oportunidade de realizar leituras e discussões que tinham como objetivo construir um olhar crítico e demarcar uma posicionalidade diante da minha Pesquisa. Um olhar que fosse capaz de articular a minha teoria com a prática, e, sobretudo, capaz de indicar os resíduos, aparar as arestas e criar zonas de experimentação permanente dentro do fazer científico.

Enquanto professora e agente do letramento, encorajada por essas reflexões, comecei a (re) pensar como eu poderia confrontar o que eu já vinha pesquisando, as tecnologias digitais, com os estudos da Crítica Cultural, observando, assim, as possibilidades de aproximações, tensões e fricções que emergiam diante delas, afinal pensar como Crítica Cultural é esvaziar todo o seu discurso e partir literalmente para uma guerra que começa através da sua linguagem e isso não é fácil, principalmente, quando precisa desmontar com discursos hierárquicos e hegemônicos construídos no decorrer da sua vida acadêmica.

Mignolo (2008), em *Desobediência epistêmica*, nos convida a pensar na necessidade de uma desobediência teórica como o principal caminho de mudança, pois os elementos da colonialidade ainda são encontrados no padrão de conhecimento hegemônico da sociedade atual, logo, devemos ser epistemicamente desobedientes na nossa forma de pensar e agir.

Desse modo, apresentarei nesse breve estudo uma microanálise do meu projeto de pesquisa amparada pelas minhas inquietações constituídas no decorrer do Programa da Crítica Cultural e através do olhar teórico de alguns estudiosos que agenciam essas questões.

1 O CIBERESPAÇO: ESPAÇO DE TRAVESSIAS E DESLOCAMENTOS

A presença dos recursos tecnológicos na sociedade, especificamente a internet, vem moldando a maneira dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construir conhecimentos. O homem, a partir dessa interação, constrói a realidade comunicacional, instaura novos conhecimentos e reescreve a sua história a partir das diversas potencialidades que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresentam neste contexto.

A cibercultura ou cultura digital caracteriza-se por um espaço de interação onde se faz o uso da leitura e da escrita através da rede. Esses espaços de interações envolvem diversas possibilidades comunicativas (e-mail, Twitter, Facebook, YouTube, chat, fórum de discussão, blog, além do texto, o áudio e o vídeo), provocando constantes trocas simbólicas nas maneiras de pensar e conviver na sociedade.

A comunicação da cultura digital se dá através de nós de conexões e desmaterialização do espaço e do tempo, deslocando não somente objetos e corpos, mas também pensamentos e fluxos comunicativos em rede. Segundo Lévy (1999, p.49), “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela presa a um lugar ou tempo em particular”.

A multiplicidade semiótica de constituição e circulação dos textos ancorada pela tecnologia digital e o seu aparato de recursos tecnológicos, como *smartphones*, *notebooks* e a rede *web*, aponta para a construção de uma cultura formada por sujeitos fluidos e cambiantes que transitam em diferentes espaços ao mesmo tempo. A identidade dos sujeitos a partir desse emaranhado de conexões torna-se instável, principalmente, pelo fato das redes de interfaces serem abertas e flutuantes, o que pode transformar os seus contextos de significados e usos. Conforme Xavier (2008), o uso das tecnologias no contexto escolar esbanja possibilidades de experiências estéticas interessantes, pois “[...] pode levar o usuário a viver sensações inéditas, seja pelo uso solitário dele com a máquina, seja pelo uso da máquina para interagir com outras pessoas”.

Nesse sentido, se por um lado, o uso das tecnologias digitais contribuiu para a aproximação das pessoas e se constituiu como um relevante veículo de informação e comunicação, possibilitando novos contextos de relações sociais e culturais ativas; por outro se tornou também um objeto de

constante problematização e uma verdadeira máquina de guerra que desde muito cedo invade as nossas vidas e territorializa o nosso olhar, nos impondo de forma maciça e frenética maneiras de pensar, formas de se relacionar e consumir, ou como dizia Baudrillard (1981), vivemos numa teia de simulacros que exercem poder real sobre as nossas vidas.

E foi a partir dessa demarcação e à luz da crítica cultural que surgiram as seguintes inquietações com relação ao meu objeto de pesquisa e ao modo como eu pensava as práticas de letramento digital na sociedade: que conceito eu tenho de cultura digital? Como a cultura digital me constitui, enquanto sujeito? Como pensar na tecnologia como um dispositivo de controle e uma ferramenta da crítica cultural? De que forma o letramento digital é realmente efetivo nas práticas escolares? Como as escolas e os professores veem o uso da tecnologia? Que recepção os meus alunos têm de leitura e escrita a partir do uso dessas ferramentas? O que eu vou fazer para além da Pesquisa? Por que é importante falar sobre isso?

2 DESMONTANDO A PESQUISA ATRAVÉS DA TEORIA DO MÉTODO

Segundo Bachelard (1996), ao longo da nossa pesquisa, nos deparamos com vários obstáculos epistemológicos que muitas vezes impedem um olhar crítico e um espírito científico. Um desses obstáculos, segundo o autor, seria o conhecimento geral das coisas, o predomínio de um olhar generalizado, um encantamento de ideias vagas. Por isso, subtende-se da ideia do autor, que ao longo da nossa produção, é necessário romper com os continuísmos, desmontar com os obstáculos epistemológicos e pensar nas coisas como construções abertas.

[...] toda cultura científica deve começar, como será longamente explicado, por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva, espera-se de um pesquisador e crítico cultural, um “espírito inventivo”, capaz de “deformar conceitos primitivos” e flagrar no nosso campo de estudo o entre-lugar que possa identificar os eventos que provocam as feridas. Espera-se ainda uma inversão de conceitos na descoberta de possibilidades, uma busca de proposições, afinal devemos desconfiar das nossas certezas e convicções, do que está pronto e enraizado, provocando constantemente pequenos abalos sísmicos na nossa forma de ver e estar no mundo, pois, se não é isso e nem aquilo, então é uma construção.

Em *Mitos, Emblemas, Sinais – morfologia e história*, escrito pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1990), o ensaio *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, o autor mostra o surgimento de um modelo epistemológico (paradigma) que surgiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas no final do século XIX. Esse paradigma consistia em observar atentamente os detalhes, as pistas, os dados marginais “os pormenores mais negligenciáveis”, como assim fez Morelli (signos pictóricos), Freud (sintomas) e Holmes (indícios).

O autor faz essa analogia e também descreve historicamente as raízes do método, pontuando que desde muito tempo o homem já era considerado um caçador nato em busca de pistas:

Por milênios, o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis, pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, interpretar, registrar e classificar, a fazer operações mentais complexas” (GINZBURG, 1990, p. 151).

Nesse sentido, como estou olhando para o meu o meu método de pesquisa? De que forma a construção do meu olhar tem revelado indícios e caminhos que visam esclarecer/provocar inquietações? A ideia que eu tenho de cultura me sustenta? Como o meu olhar está sendo construído a partir das grandes máquinas produtivas de controle social que legitimam as representações de poder e, principalmente, como isso tem revelado aberturas e enfrentamentos para a construção de um combate político que começa através da minha linguagem? Afinal, como diz Ginzburg (1990), a proposta de um método interpretativo, centrada nos detalhes, no olhar investigativo, nas pistas, sinais e dados marginais, revelam-se fundamentais para a produção de subjetividades, matéria-prima de toda e qualquer produção.

Do mesmo modo, Deleuze e Guattari (1995) expõem o conceito de rizoma para se referir à teoria do método das multiplicidades. “O rizoma não é um objeto de reprodução”, funciona como o ponto de partida para se pensar nas multiplicidades. “O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada”. Numa perspectiva rizomática, “não começa nem conclui, se encontra sempre no meio, entre as coisas”. O rizoma não fixa pontos e nem ordens, há apenas linhas e trajetos de diversas semióticas, estados e coisas, e nada remete necessariamente a outra coisa.

Sendo assim, o nosso olhar deve ser metodologicamente rizomático, isto é, aberto para as múltiplas possibilidades de criação, construção e reconstrução de sentidos. O fazer científico deve ser completamente desmontado, esvaziado, constantemente deslocado e reinventado, como um mapa aberto que está sempre se modificando, “plenamente reversível, conectável, sem início e nem fim”. Precisa, sobretudo, circular por outros territórios e descentralizar com os limites discursivos e

hierárquicos da aprendizagem, afinal, tudo o que nos chega, chega através das linguagens, dos discursos e dos equipamentos que nos rodeiam, as grandes máquinas produtivas de controle social.

Nesse contexto, como eu tenho pensado o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares. Se, por um lado, como um dispositivo de controle, no qual poucos ainda têm acesso, questionando o seu uso, a partir da sua produção e com qual interesse; ou se estou simplesmente reproduzindo tudo o que já foi dito, reforçando ainda mais a sua hierarquização?

Retomando a análise, Agamben (2009, p. 40), em *O que é um dispositivo?*, um dos ensaios que faz parte do livro *O que é Contemporâneo?*, investiga também o sentido subjetivo e genealógico do termo dispositivo, assim como questiona a sua relação enquanto mecanismo político. Para ele, dispositivo é definido como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

Segundo Baudrillard (1981), estamos mergulhados numa falsa ideia de realidade, uma ilusão marcada e controlada pelos meios de comunicação, onde o que é real e o ficcional acabam por se confundir, pois o irreal se transformou numa cópia perfeita do real. Os indivíduos estão presos nesse sistema de produção e se tornaram objetos de manipulação dessa indústria. “As pessoas têm vontade de tomar tudo, pilhar tudo. Ver, decifrar, aprender não as afeta. O único afeto maciço é o da manipulação”.

Dessa forma, é importante ampliar a noção desse discurso e perceber como o nosso olhar está sendo construído também a partir dessas grandes máquinas produtivas de controle social que legitimam as representações de poder. E como isso tem revelado aberturas e enfrentamentos para um combate político que começa através da minha linguagem, afinal a primeira revolução começa nos sujeitos, conseqüentemente, ou a gente repete e inviabiliza essas discussões, ou se inquieta e potencializa estratégias e saídas em outros circuitos alternativos de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar numa sociedade contemporânea que se caracteriza por rápidas e sucessivas transformações, é pensar também numa educação que atravessa a era digital, criando diversas possibilidades de expressão e comunicação, além de diferentes formas de interagir, comunicar, informar, e educar. É preciso problematizar o uso que se faz das tecnologias digitais nos diversos espaços sociais, atentar se realmente é efetivo nas escolas ou se opera apenas como mais um dispositivo de controle social e um meio de reprodução e/ou alienação dos sujeitos. É preciso dar voz

aos professores e alunos, inverter e desierarquizar as representações, trazer a ideia de como eles veem o uso dessas ferramentas nesse espaço e torná-los também protagonistas desse processo.

Enquanto estudante da Crítica Cultural, que possamos mobilizar essas discussões como um ato de resistência e uma máquina de guerra, sobretudo, se através dessa escrita eu possa também me modificar, afinal, toda escrita é um ato político e só faz sentido se você consegue se modificar. Para concluir, mas deixando um mapa em aberto, cheio de fendas e inquietações, acredito que as práticas de letramento digital na escola perpassam por uma série de questionamentos, tensões e interdições que devem ser discutidos. Vivemos na era da sociedade da informação e a nossa escola não pode fechar os seus muros para isso, tampouco furtar dos alunos o direito a esse acesso.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et Simulation*. Paris: Galilée, 1981.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.
- XAVIER, A.C. *Identidade docente na era do letramento digital: aspectos técnicos, éticos e estéticos*. Disponível em: < <https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Antonio-Carlos-Xavier.pdf>.> Acesso em: 15 set. 2017.